

Sentido da vida e valores após lesão medular

Kátia Vanessa Pinto de Meneses

Thiago Antônio Avellar de Aquino

RESUMO

A lesão medular é uma das lesões mais incapacitantes e provoca mudanças drásticas e repentinhas na vida da pessoa, exigindo formas de enfrentamento para o encontro de novos significados e sentido para a existência. Este estudo teve como objetivo identificar núcleos de sentidos da vida e apreender valores de criação, de vivência e de atitude a partir de autobiografias de pessoas com lesão medular. Participaram da pesquisa sete pessoas com sequelas de lesão medular, de ambos os sexos, com idade igual ou superior a 18 anos. Os participantes narraram sua autobiografia considerando três perspectivas: a visão retrospectiva (passado), o mundo presente e a visão prospectiva (futuro). Como resultados, foram identificadas as seguintes categorias de sentido: família, fé e espiritualidade, esporte e arte, trabalho e estudo, tomadas de atitude, sentidos, futuro e legado. A autobiografia se revelou como um recurso terapêutico, possibilitando a reavaliação do sofrimento em termos significativos e auxiliando na detecção de valores e de sentidos de vida.

Palavras-chave: Sentido da Vida; Lesão Medular; Logoterapia.

ABSTRACT

Meaning of Life and Values After Spinal Injury

Spinal cord injury is one of the most disabling injuries and causes drastic and sudden changes in the person's life, requiring coping strategies to find new meanings and sense of existence. This study aimed to identify the core meanings of life and capture values of creation, experience and attitude from people with spinal cord injury, by his autobiographies. Seven people, with spinal cord injury sequelae, of both genders, aged 18 years or older, participated in this research. Participants narrated their autobiography considering three perspectives: the retrospective view (past), the present world and prospective view (future). As results, the following categories of meaning were identified: family, faith and spirituality, sport and art, work and study, attitudes, senses, future and legacy. The autobiography proved to be a therapeutic resource, enabling the reassessment of suffering in significant terms and helping to detect values and meanings of life.

Keywords: Meaning of Life; Spinal Cord Injury; Logotherapy.

Sobre os Autores

K. V. P. M.

orcid.org/0000-0001-9396-0665

Universidade de Brasília (UnB) -

Brasília, DF.

katiavpmeneses@gmail.com

T. A. A. A.

orcid.org/0000-0002-3903-8378

Universidade Federal da Paraíba

(UFPB) – João Pessoa, PB.

thiagoaquino19.ta@gmail.com

Direitos Autorais

Este é um artigo aberto e pode ser reproduzido livremente, distribuído, transmitido ou modificado, por qualquer pessoa desde que usado sem fins comerciais. O trabalho é disponibilizado sob a licença Creative Commons CC-BY-NC.



A lesão medular, também denominada de traumatismo raquimedular (TRM), é uma das lesões mais incapacitantes para o indivíduo (Moser et al., 2020a) e ocorre com a ruptura das raízes nervosas em um determinado ponto da coluna vertebral, atingindo a medula espinhal. O TRM predomina entre homens de faixa etária de 20 a 40 anos e as maiores causas são acidentes automobilísticos, quedas de alturas ou perfuração por arma de fogo (Silva et al., 2018), podendo variar de acordo com a região e estado. Estima-se que, no Brasil, há cerca de 6 mil a 8 mil novos casos de lesão medular por ano (Silva et al., 2018).

Dentre as principais consequências da lesão estão a perda total ou parcial da capacidade motora e/ou sensitiva (Cerezetti et al., 2012; Moser et al., 2020a), além de graves consequências emocionais e psicossociais recorrentes, como agressividade, sentimento de inferioridade, insegurança, impulsividade, desespero, ambivalência, ansiedade, tendência ao isolamento social, insatisfação com a autoimagem, recordação constante da vida anterior ao trauma, perda da qualidade de vida, sintomas de insônia e desajustes no apetite e na digestão (Cruz et al., 2021; Vasco, 2017). Além disso, por ocorrer de forma súbita e inesperada, traz o desafio de enfrentar uma nova condição, exigindo mudanças e adaptações nos diversos papéis e atividades desenvolvidos até então, podendo levar à ruptura no desempenho de atividades e na participação social (Amaral, 2009; Cruz et al., 2021).

Neste contexto, o processo de reabilitação é realizado por uma equipe multidisciplinar cujos objetivos são o reconhecimento dos limites impostos pela nova situação, o treino para uso de equipamentos de tecnologia em prol da independência e da participação social e o suporte para a elaboração de estratégias de enfrentamento, para o encontro de novos significados e do sentido para a existência (Amaral, 2009; Moser et al., 2020b; Rocha et al., 2021; Silva et al., 2021; Venturini et al., 2007).

De acordo com Frankl (2021), a busca por um sentido é a principal força motivadora do ser humano e este só é capaz de realizar-se à medida que o cumpre, permitindo atingir o máximo de suas potencialidades. Este sentido se dá na descoberta de uma possibilidade, a partir da realidade concreta em que se vive, e é a consciência (*Gewissen*) que conduz o homem para essa descoberta. A consciência humana é compreendida como um órgão com a capacidade intuitiva de descobrir o rastro do sentido, único e singular, escondido em cada situação (Frankl, 2015). Frankl (2021) propõe três caminhos fundamentais para a descoberta do sentido da vida: por meio de valores vivenciais, criativos e atitudinais. Os valores vivenciais são manifestados na gratuidade dos atos de receber, como acontece nos encontros e experiências com o que é verdadeiro, bom e belo no mundo, com outros seres humanos ou com um Deus

pessoal. Esses valores podem ser vivenciados por meio da contemplação da natureza, da arte, das experiências místicas e do amor. Os valores criativos se referem ao que o homem é capaz de oferecer ao mundo, incluindo todas as criações intelectuais, artísticas, de trabalho e realização profissional. Os valores atitudinais se referem à atitude tomada diante da tríade trágica da dor/sofrimento, da culpa e da morte; a postura assumida no confronto com um destino que não se pode mudar (Frankl, 2021). Para Frankl (2011), “o homem não é livre de suas contingências, mas, sim, livre para tomar uma atitude diante de quaisquer que sejam as condições apresentadas a ele” (p. 26).

Assim, mesmo diante de uma situação em que o homem é privado da criatividade e da receptividade, ele ainda pode preencher um sentido na vida por meio da atitude que escolhe diante de um destino inevitável. Para o autor, o homem se dispõe a sofrer quando se convence de que o seu sofrimento tem um sentido e o que realmente importa é o potencial unicamente humano de transformar uma tragédia em algo positivo, algo criativo, numa conquista ou num triunfo pessoal (Frankl, 2005).

Desta forma, a dor, a culpa e a morte não são capazes de tolher o sentido incondicional da existência humana e, mesmo situações desesperadoras, cujo sofrimento é inevitável, quando enfrentado com bravura, pode se transformar numa vitoriosa e heroica conquista (Frankl, 2020). Logo, o sofrimento só tem sentido quando causa no indivíduo que sofre uma mudança para melhor, pois é privilégio específico do homem saber sofrer, assumir a culpa e considerar a transitoriedade e a finitude da vida (Frankl, 2005; Frankl, 2016a; Frankl, 2020).

Para Frankl (2020), a vida humana não cessa de ter sentido sob nenhuma circunstância. Ele comprehende o homem como um

ser único tanto em sua essência quanto em sua existência, não sendo assim nem descartável, nem substituível. Em outras palavras, ele é um indivíduo particular, com suas características pessoais únicas, experimentando um contexto histórico único, num mundo em que há oportunidades e obrigações especiais reservadas somente a ele (p. 63).

A existência humana só é autêntica na medida em que aponta para algo que não a si mesma. O ser humano não pode ser o próprio sentido, “ele se encontra apenas na medida em que, antes de tudo, se perde, seja pelo bem de algo ou alguém, seja pelo bem de uma causa ou de um semelhante ou por amor a Deus” (Frankl 2020, p. 97).

Por meio da autotranscendência, o homem se eleva sobre o nível do somático e do psíquico e adentra o reino do genuinamente humano, que é a dimensão do espírito, chamada de dimensão noética ou noológica. A dimensão noética é onde os fenômenos especificamente humanos se

localizam, permitindo a autonomia e autoafirmação e possibilitando à pessoa assumir uma postura de livre escolha e de responsabilidade em relação à sua situação (Frank, 2021). Para Frankl (2017), a dimensão noética não é entendida apenas como uma dimensão religiosa, mas valorativa, intelectual e artística, onde se originam todos os fenômenos especificamente humanos.

De acordo com Frankl (2021), para compreender a realidade humana em sua dimensionalidade integral é necessário compreender o ser, ou o “eu sou”, para além das necessidades e das possibilidades. Isto significa ultrapassar os aspectos do “eu preciso”, do “eu tenho de” (ou seja, sou forçado por certas condições e determinantes, impulsos e instintos, hereditariedade e fatores e impactos ambientais) e do “eu posso” (isto é, tenho capacidade de realizar este ou aquele aspecto de meu ser), para atingir os aspectos do “eu devo”, pois o autor afirma que o que “eu devo” fazer, contudo, é cumprir e preencher o sentido concreto que a vida apresenta e desafia em cada situação (Frankl, 2020).

Sob essa perspectiva, este estudo teve como objetivo identificar núcleos de sentidos da vida e apreender valores de criação, de vivência e de atitude a partir das autobiografias de pessoas com lesão medular.

MÉTODO

Participaram deste estudo pessoas com lesão medular, em qualquer nível de lesão, de ambos os sexos, com idade igual ou superior a 18 anos. A busca pela amostra foi realizada por meio das redes sociais (*Instagram* e *Facebook*), além de grupos e associações de apoio às pessoas com lesão medular. Foi utilizada a técnica de amostragem conhecida como *snowball sampling* (Bola de Neve), na qual a amostra não probabilística é formada por participantes iniciais de um estudo que indicam novos participantes, que por sua vez indicam novos participantes e assim sucessivamente (WHA, 1994 citado por Baldin & Munhoz, 2011). Nessa técnica, o processo finaliza quando se alcança o número desejado de participantes ou quando se atinge uma estabilidade, ou seja, quando poucos novos contatos são acrescentados e, por se tratar de uma população rara, em situação de vulnerabilidade e considerada população de risco no momento de pandemia do Covid-19, justificou-se a utilização do *snowball sampling*.

A pesquisa se deu de forma *on-line*, pela Plataforma *Teams*. Inicialmente, com o objetivo de descrever a amostra do estudo, foram coletadas informações sobre sexo, idade, escolaridade, estado civil, religião, frequência de prática espiritual, nível e tempo de lesão. Em seguida, os participantes foram convidados a narrar sua autobiografia, baseada na metodologia de Lukas (1998), que considera três perspectivas: a visão retrospectiva (passado), o mundo

presente e a visão prospectiva (futuro), a partir dos seguintes pontos de reflexão: pais, período pré-escolar, período escolar, formação profissional, idade adulta, futuro próximo, futuro distante, morte e legado.

A opção pelo formato de narrativa foi escolhida devido às dificuldades motoras frequentemente apresentadas pela população do estudo. As conversas foram gravadas e a transcrição textual foi realizada pelo pesquisador de forma fidedigna aos relatos narrados em primeira pessoa e formatados em duas colunas: no lado esquerdo foram descritos os fatos cronológicos e as experiências selecionadas e no lado direito as reflexões, posturas, pensamentos e sentimentos relacionados aos acontecimentos da vida. Ao final da autobiografia, foram incluídas as seguintes perguntas: 1) Você identificou algum sentido a partir dessa reflexão de sua autobiografia? 2) Qual o sentido para você de realizar esta autobiografia? 3) Se sua vida fosse um filme, qual nome você daria para este filme? 4) Qual o sentido da sua vida hoje?

Um diário de campo foi construído, a fim de registrar as percepções do pesquisador em relação às expressões corporais e emocionais demonstradas durante as entrevistas. Para preservar o anonimato, foi utilizada a abreviação de participante (P), seguida do número da ordem de seu aceite para participar na pesquisa (P1, P2, P3, P4, P5, P6 e P7).

Foi utilizado o enfoque da análise de conteúdo de Bardin (2011), tendo como referencial a presença de valores e de sentidos de acordo com a Teoria de Frankl. Inicialmente foi realizada a pré-análise, exploração e organização do material transscrito para formar o *corpus* do trabalho. Em seguida, os dados foram codificados e agregados em categorias. Ao final, as categorias foram classificadas de acordo com os dados emergentes, analisadas e interpretadas.

Este estudo faz parte do projeto de pesquisa intitulado: “Motivação para superação e busca de sentido de vida em pessoas com lesão medular e impacto da pandemia de covid-19”, protocolado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ceilândia da Universidade de Brasília - (CAAE: 51975721.0.0000.8093) e seguiu todos as exigências éticas em pesquisa com seres humanos. Os participantes foram esclarecidos quanto aos objetivos e procedimentos do estudo e concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o Termo de Autorização de Uso de Imagem e Som de Voz e autorização para o uso dos dados para a pesquisa. O aceite para participação e a concordância com os termos foram gravados.

RESULTADOS

Participaram do estudo sete pessoas com sequelas de lesão medular, sendo quatro homens e três mulheres, com média de idade de 31 anos; quatro com grau de escolaridade

de ensino médio completo, dois com ensino superior completo e um com ensino superior incompleto; três solteiros, três separados e um casado. Em relação ao nível de lesão, um dos participantes relatou nível C3/C4, três relataram nível C5/C6, um possui o nível C7, um possui o nível T7/T8 e o último, T9/T10. Quanto ao tempo de lesão, três relataram mais de dez anos, dois relataram sete anos, um relatou três anos e outro, dois anos. Em relação à religião e à

prática religiosa, quatro se declararam católicos, sendo um com prática espiritual mensal e três com prática diária; um se declarou sem religião e sem prática espiritual e dois preferiram não responder a religião, mas relataram prática espiritual diária. A tabela 1 apresenta a descrição da amostra da pesquisa e a resposta da pergunta “Se sua vida fosse um filme, qual nome você daria para este filme?”.

Tabela 1. Descrição da amostra e nome do filme da vida

Participante	Nome do filme	Sexo	Idade	Escolaridade	Nível de lesão	Tempo de lesão (anos)	Estado civil	Religião	Prática espiritual
P1	Desafios da vida.	M	43	Ensino médio	C5-C6	+ 10	Separado	Sem	Sem
P2	Foco, força e Fé.	M	24	Ensino médio	C5-C6	Entre 3-5	Separado	Católica	Mensal
P3	O futuro a Deus pertence.	M	37	Ensino superior	C7	+ 10	Separado	-	Diária
P4	Show da K.	F	29	Ensino Superior	C3-C4	7	Solteiro	Católica	Mensal
P5	Saindo do fundo do poço.	M	26	Ensino médio	T9-T10	Entre 1-2	Solteiro	-	Diária
P6	Ainda vale a pena viver.	F	25	Ensino médio	T7-T8	7	Solteiro	Católica	Diária
P7	Obstáculo zero.	F	35	Ensino Superior incompleto	C6/C7/C8	+ 10	Casada	Católica	Diária

Da análise dos dados emergiram as seguintes categorias de sentido: família; fé e espiritualidade; esporte e arte; trabalho e estudo; tomadas de atitude; sentidos; futuro e legado. Após os trechos das falas dos participantes, classificamo-las entre os valores criativos, vivenciais e atitudinais, conforme Frankl (2021).

FAMÍLIA

Na amostra analisada, seis participantes relataram valores relacionados à família, principalmente pais, filhos e esposo. A família foi a principal fonte de apoio para o encontro de forças e de sentido para o enfrentamento das dificuldades encontradas após a lesão. O sacrifício dos pais, muitas vezes deixando de trabalhar e de exercer suas atividades rotineiras para ajudar nos cuidados exigidos após a lesão, foi interpretado como um ato de amor e de doação. Abaixo, seguem alguns trechos das falas dos participantes que retratam esses valores:

Compreendi o sentimento amor. Todos preocupados comigo, todos presente. Isso aumentou o sentimento que um sempre teve pelo outro. Para meus pais, é importante estar vivo, apesar da lesão. Isso é gratificante (P1 – valor vivencial).

Quando cheguei a pesar 132 kg, percebi que estava sobrecarregando o meu pai que já estava idoso. Ele tremia todo quando foi me levantar e não conseguiu. Eu vi que estava errado. Pensei que, se eu quisesse ter o meu pai por mais alguns anos, eu teria que mudar. Eu acordei e vi que precisava mudar. Esse foi o momento que me alertei, acordei. Aí comecei a buscar pessoas com a mesma lesão para ver como as pessoas viviam (P1 – valor atitudinal).

Tive um filho aos 19 anos. É o que mais marca a vida adulta, a maior responsabilidade da vida: outra vida se iniciando; tudo ia mudar. Foi uma transição onde tive de tomar novos rumos. Ser pai de família me fez ter que ir atrás. Depois da lesão, tive momentos de querer me entregar, mas não foi muito tempo, eu sempre buscava superar esse sentimento, pensando no meu filho. Eu queria ver o rosto dele, saber como está na escola,

saber como ele foi, como ele voltou. Isso é bom demais (P2 – valor atitudinal).

Quero repassar todos os valores que meus pais me proporcionaram para minha filha: acreditar que a família é o bem maior que a gente tem. Ela chegou (nasceu) num momento bacana. Meu acidente foi dia 15 de janeiro. Ela chegou no dia 10 de janeiro. Era uma data sofrida pois eu sempre lembrava do acidente e ela vir nessa data me fez tirar o foco das lembranças das coisas ruins daquele período. Quero estar mais presente na vida da minha filha (P3- valor vivencial e atitudinal).

Amo demais a minha família (P4- valor vivencial).

Depois do acidente tive muito apoio familiar e foi o que ajudou. Família nessa hora é tudo, é o ponto principal, é a base de tudo (P6- valor vivencial).

Quando eu estava no período mais crítico da depressão, eu mesma identifiquei e procurei ajuda. Pensei: minha família está toda aqui me ajudando, meu esposo sempre fez e faz tudo para que eu fique bem. Eu estou em depressão e as pessoas não entendem. Eu pensava muito na minha família, meu filho estava com 4 ou 5 anos. Meu filho é pequeno e depende de mim. Preciso acordar para a vida, preciso reagir. Busquei terapia e comecei a fazer (P7- valor vivencial e atitudinal).

FÉ E ESPIRITUALIDADE

A fé e a espiritualidade foram relatadas como fonte de apoio e de forças diante dos obstáculos do dia a dia por quatro participantes servindo como estratégias de enfrentamento da lesão medular e como orientação para o encontro de sentido e atribuição de significados. Seguem abaixo os relatos relacionados à fé e à espiritualidade:

Acreditar na presença e na existência de um Deus vivo que pode todas as coisas; honestidade, fazer o bem sendo uma boa pessoa para o próximo e não somente para si mesmo (P3 - valor vivencial e criativo).

A fé, a espiritualidade, toda conexão que tenho com Deus me ajuda muito também (P6 - valor vivencial).

Sou muito religiosa, católica. Gosto de ler coisas católicas. Faço direção espiritual e tenho coisas para ler todos os dias. É uma coisa que gosto muito. Hoje, graças a Deus, estou bem. Tenho certeza que Deus preservou minha vida para muito mais (P7 – valor vivencial).

ESPORTE E ARTE

O esporte (quatro participantes) e a arte (dois participantes) foram relatados como meios de autocuidado, inclusão, socialização, alívio de tensões, saúde, bem-estar

físico e psicológico; meios de se destacar e de superar a si mesmos, de ajudar e motivar outras pessoas; meios para a realização profissional e para a possibilidade de retorno financeiro. O esporte e a arte permitem um autodistanciamento, a partir do momento que, ao estar absorvido pela tarefa, a pessoa deixa de olhar para si e, consequentemente, esquece de si. Abaixo, seguem alguns trechos das entrevistas que retratam os valores relacionados ao esporte e à arte.

Eu amo o esporte. Significa perseverança. É onde a gente conversa, onde a gente brinca, saio da rotina do dia a dia. Acredito que o esporte me ajudou a não ter complicações devido ao covid-19. Esporte é gratificante e traz bem estar físico e principalmente o psicológico. O esporte significa pra mim alegria e felicidade (P1- valor vivencial).

Hoje percebo que preciso voltar a estudar para estar envolvido no rugby em cadeira de rodas e ter retorno financeiro e emocional (P1 – valor vivencial, criativo e atitudinal).

Quero mostrar para as pessoas que é possível e quero motivar outras pessoas. Quero me destacar, ser melhor e me reinventar, me incluir. O esporte dá inclusão e saúde (P2- valor vivencial, criativo e atitudinal).

O esporte significa algumas vezes refúgio das demandas do dia a dia, onde posso me extravasar, descarregar uma raiva, uma energia, aliviando o corpo e a mente. Pela equipe de rugby, levando o rugby, o esporte para outras pessoas com deficiências, ajudando as pessoas a serem mais independentes e ajudando as famílias dessas pessoas (P3- valor vivencial, criativo e atitudinal).

Rugby é uma atividade muito prazerosa, dá muita adrenalina e também muito condicionamento físico. Eu adoro (P7 – valor vivencial).

Eu pinto, sou artista plástica. Quando eu pinto eu não penso em nada. E isso é o melhor de tudo. É o nada, eu não penso, eu só ajo sem pensar. Quero ter uma escola para ensinar pessoas com deficiência, um lugar voltado para pessoas com poucas condições de ter uma arte, um hobby. Quero ensinar pessoas com poucas condições a pintar (P4- valor vivencial e criativo).

A dança me proporciona um bem-estar enorme, uma autoestima elevada e socialização para não ficar sozinha. Tem momentos ainda hoje que me sinto para baixo, principalmente por causa da dor. A dor neuropática maltrata, é forte e de difícil tratamento. Então saio, dou uma volta, busco interagir de alguma forma, coloco um vídeo de dança, pinto, vou buscar alguma coisa para fazer, alguma coisa que cansa como tocar a cadeira. A atividade física para depressão é muito importante (P7- valor vivencial).

TRABALHO E ESTUDO

O trabalho e o estudo foram relatados por todos os participantes como meios de desenvolvimento pessoal, de se sentir útil, de ajudar a família e outras pessoas, além de possibilitar uma vida mais independente e mais digna:

Procuro ser uma referência e ajudar outras pessoas a passar por situações difíceis. Faço palestra em hospitais, sou chamado para conversar com pessoas com depressão e passando por dificuldades (P1- valor criativo).

Ajudo no restaurante da minha mãe no horário de almoço. Pego os pedidos, faço o caixa, repasso algumas entregas de balcão e, se necessário, saio para fazer entregas. Me sinto bem por estar produzindo e ajudando a família, mesmo com a lesão. Isso é um exemplo para minha filha: sempre estar envolvido com coisas boas e ajudando a família (P3 – valor criativo, valor vivencial e atitudinal).

Minha chave para estudar para cursinho virou agora. A necessidade financeira me fez voltar a estudar. Minha atitude hoje é querer estudar, tirar carteirinha da OAB e estudar para o Senado. Estou fazendo cursinho para o TJ. Quero mudar (P4 – valor criativo).

Estou estudando para concurso. Se eu passasse no concurso do INSS, talvez eu consiga mudar alguma coisa lá. Acho humilhante a forma com que falam lá com pessoas com comorbidades e pessoas idosas. O mínimo seria tratar a outra pessoa dignamente (P5 – valor criativo e atitudinal).

Eu estudo administração e trabalho com divulgação para algumas empresas em minha cidade. Sou influencer e isso me dá uma renda extra que me ajuda muito e tem me ajudado a falar de minha vida sobre rodas para as pessoas (P6 – valor criativo e atitudinal).

Faço minhas caixinhas de artesanato. Faço com amor e fico feliz ao ver que ficou bom. Comecei a vender agora. Quando eu fiz, eu disse: que coisa linda! Aí algumas pessoas começaram a pedir para eu fazer e se abriu um leque. Tenho até algumas encomendas para terminar. Foi feito por mim! É tão bom! Pretendo voltar a estudar esse ano. Quero fazer pedagogia ou alguma coisa na área de educação (P7 – valor criativo, vivencial e atitudinal).

TOMADAS DE ATITUDE

Nesta pesquisa, todos os participantes relataram tomadas de atitudes diante do sofrimento, que levou à mudança da visão de mundo e, consequentemente, a uma nova postura diante da vida. Todos demonstraram atitudes de coragem e heroísmo no enfrentamento das dificuldades apresentadas após a lesão e três participantes relataram o uso do humor como meio de enfrentamento das situações da vida, como pode ser observado nas narrativas que seguem:

Depois do acidente eu passei a dar valor a outras coisas: mais companheirismo com meus pais, praticar esporte, descansar, enfim, em viver e não apenas pensar em só trabalhar. Me preocupo menos com o futuro e mais com o viver o hoje (P1).

Antes eu me preocupava, mas não conseguia estar junto de meu filho. Hoje eu estou do lado, eu tenho o controle. São atitudes que eu preciso tomar. Hoje sou independente porque eu fui atrás, eu queria ser independente. Eu falava comigo: estou com vida, tenho um filho para criar, tenho uma família. Não posso fazer um peso. Aprendi que nem tudo é como a gente quer, mas é possível fazer da melhor forma que consigo. Importante deixar a reclamação e procurar fazer (P2).

As maiores mudanças foram quando minha filha nasceu. Deixei de assumir e de fazer algumas coisas para estar em casa com ela. Essas mudanças foram de forma brutal depois que ela nasceu. Posso dizer que ela é o bem mais precioso e é o que está me modelando cada dia mais. Eu sempre fui uma pessoa que falava palavrão, eu falava muita besteira, muita piadinha de duplo sentido. Ela mudou até meu jeito de falar. Tudo isso serviu para eu me tornar uma pessoa melhor, mudar meus defeitos e tentar viver melhor na sociedade e na família, dar melhores exemplos para a minha filha (P3).

Percebo principalmente a mudança de pensamento em relação à outra parte minha, que eu era muito egoísta. Eu não sabia o tanto que eu era egoísta. Antes eu não valorizava as pessoas com deficiência e eu sempre me colocava em primeiro lugar em 110% das situações. Antes do acidente eu brigava muito, xingava muito, porque eu achava tudo errado do jeito de meus pais levarem a vida. Mas ao mesmo tempo sei que tudo isso me fez ser quem sou hoje, de viver o que vivo, de ter as pessoas a minha volta, de ter pessoas queridas (P4).

Hoje eu vejo a vida com outros olhos. O dinheiro ajuda, mas tem outras coisas para ser feliz como, por exemplo, poder sentir o chão. O que é pequeno e simples é o que é necessário para ser feliz, basta a perspectiva da visão que a gente põe diante daquilo (P6).

Eu tenho duas opções: jogar tudo para o ar e sofrer ou enfrentar a vida. Procuro não deixar as partes negativas ficar em evidência e procuro o lado bom. Mesmo com dor e limitações ainda dá para fazer muita coisa, então vou fazer. O momento que nos tornamos mais forte é naquele momento em que se percebe que essa é a única opção para que você não se torne dependente (P7).

O humor é capaz de limpar qualquer sentimento ruim. É a cura da depressão (P5).

O humor é essencial para suportar tudo o que passo (P4).

Além das atitudes de bravura, heroísmo e humor, dois participantes relataram que consideram a vida atual, mesmo

na cadeira de rodas, melhor que a vida antes da lesão medular. O sofrimento foi descrito como uma alavanca para a mudança de atitude e a possibilidade de novas realizações:

Tive muito mais momentos de extrema felicidade depois do acidente. Fui miss, fiz um concurso de beleza. Eu já tinha ido muitas vezes para Fortaleza antes e, agora, da última vez que eu fui, de cadeira, eu nunca tinha me divertido tanto! Viajei, trabalhei, conheci tanta gente carinhosa e amorosa! Tive que passar por muitas dificuldades, problemas físicos, financeiros, problemas de saúde para ver que eu tinha uma vida muito boa e reclamava de barriga cheia (P4).

Eu vejo meu futuro melhor do que se eu tivesse fora da cadeira de rodas. Hoje eu tenho tempo para estudar, coisa que provavelmente não conseguia nunca. Faço cursinho para concurso. Eu nunca teria essa oportunidade de estudar, antes. Acho que tudo que passei me fortaleceu bastante. Não sou mais a mesma pessoa. Tenho mais respeito com o próximo, menos preconceito. Serviu para mudar minha personalidade, para um jeito bom e ter oportunidades que não tinha antes (P5).

No contexto dos valores atitudinais, é interessante observar as narrativas de quatro participantes, que relataram a percepção de que a mudança de atitude só depende da decisão pessoal. Essas falas retomam a necessidade da compreensão da dimensão noética como aquela que permite autonomia, livre escolha e responsabilidade em relação à sua situação. Nesta pesquisa, a tomada de atitude foi percebida a partir do momento em que as pessoas se reconheciam como responsáveis pelas suas histórias, percebendo a necessidade de se autodirecionar e assumir as consequências de cada escolha realizada.

O importante é confiar no próprio potencial; acreditar em si mesmo. "A conquista do Eu". A verdadeira superação é emocional. Superar as atividades do dia a dia é normal (P1).

Foi a partir do "Eu querer", que me trouxe independência. Eu tive que fazer acontecer. Se fosse depender dos outros querer, eu nunca seria independente. Eu correr atrás para conseguir fazer foi a base de tudo (P2).

Você pode mudar sua situação, desde que você decida. Não é querer e sim decidir. A partir do momento que eu tomei decisões, a transformação a longo prazo veio. Quando eu decidi ser feliz, mesmo na cadeira de rodas, eu fui feliz muitas vezes. Quando eu decidi terminar a faculdade, eu terminei. Quando eu decidi voltar a estudar, eu voltei. O momento de decisão faz tudo mudar na sua vida. Se ficar eternamente esperando, pode ser que nada aconteça. É preciso tomar uma atitude, uma decisão. Se você quiser sofrer, passar pelo

período de dor, não tem problema. Todos passam por isso. Em algum momento você tem que sair daí e quando você fazer esta escolha, você vai conseguir (P4).

Tudo aquilo que a gente precisa está dentro de nós. Nós temos um poder. Muita gente morre e não descobre isso (P6).

SENTIDOS

Cinco participantes relataram ter clareza do sentido de sua vida, enquanto dois participantes relataram não ter clareza, mas se consideraram em busca de um sentido. Mesmo sem consciência do sentido a ser realizado, foi possível identificar o poder da capacidade intuitiva direcionando suas ações de forma a realizar valores. Seguem abaixo as falas relacionadas ao sentido:

O sentido é ajudar as pessoas (P1).

Ter um filho significa vida; dá o sentido da vida. Você cresce, casa e tem um filho. Significa o ciclo da vida. O sentido é viver, querer viver (P2).

O maior sentido são as realizações familiares. Fazer a família bem, ter momentos felizes, se soltarem para que juntos possamos superar as dificuldades, sempre agregando valores um ao outro, agregando força e apoio. Isso para pessoas conhecidas e também para pessoas que a gente não conhece (P3).

Hoje não vejo tanto sentido. Eu vejo mais uma busca pelo sentido. Mas eu estou buscando estudar, para trabalhar, dar melhor qualidade de vida. O sentido hoje é nenhum, mas para o futuro com certeza terá (P4).

Não sei o sentido da vida hoje. Sei o que fazer, mas não sei o sentido e para onde isso vai me levar. Hoje é mudar quem sou (P5).

Ajudar o próximo. Não devemos ser mesquinhos, olhar para o próprio umbigo e achar que a vida gira em volta de nós. Hoje em dia cada um enfrenta uma dificuldade e ninguém conhece a realidade do outro. O que puder fazer para ajudar e fazer diferença na vida do outro já é algo bom (P6).

Para mim o sentido é mostrar que se pode superar. Todo mundo tem um exemplo de superação para dar na vida. Não cabe só a nós superar. Cabe a todos. Superação não me diferencia de todos. Minha superação não é só a lesão. Passei por muitas superações na vida, mesmo antes da lesão (P7).

Ao serem questionados com as perguntas: "Você identificou algum sentido a partir dessa reflexão de sua autobiografia?" e "Qual o sentido para você de realizar esta autobiografia?" foram observadas mudanças de postura corporal, semblante de surpresa pela consciência despertada, sorrisos e demonstrações de alegria e de esperança com o

futuro. Além das mudanças corporais observadas, as respostas apontam para a importância da autobiografia como meio de promover a reflexão e trazer à consciência o inconsciente espiritual, a sua historicidade, os valores que já realizou e os que ainda estão por vir. Essas percepções podem ser verificadas nas falas transcritas abaixo.

Isso (realizar a autobiografia) me faz pensar em muitas coisas. Coisas que eu não pensava antes. Abriu o leque que tenho muitas coisas a fazer ainda. Sinto que é importante rever essas perguntas ao longo do tempo. Nunca questionei sobre isso. Posso até saber, mas não sei expressar, como responder (P2).

Foi muito importante fazer essa autobiografia pois, por mais que a gente ache que realizou, descobre que ainda tem mais a ser concretizados na vida. Os sonhos não param e nem o tempo. Seguir em frente para poder construir e realizar mais (P3).

Muitos momentos me tocaram muito (durante a autobiografia) e estou me sentindo super forte. Antes eu chorava e hoje me vejo com maturidade. Me vejo uma pessoa muito mudada e diferente do que eu já fui. A maturidade vem com o tempo e eu precisei desse tempo. Só tenho dó de demorar tanto tempo (P4).

Há muito tempo eu pensava em escrever um livro. Agora eu vou escrever (P7).

FUTURO

Todos os participantes relataram projetos futuros, tanto a curto quanto a longo prazo, relacionados ao esporte, ao estudo, ao trabalho, à arte, à família, em ajudar e educar as pessoas em relação à lesão medular e projetos de desenvolvimento pessoal. Seguem, abaixo, narrativas sobre futuro:

Penso em treinar, dar o meu melhor para estar entre os melhores do rugby. Sonho com competições internacionais da seleção brasileira. Fui convocado para a seleção brasileira de Paris, em 2024. Sou um dos atletas mais velhos, então preciso estar preparado tanto fisicamente e psicologicamente, quanto tecnicamente. Também penso em estudar para ser técnico ou auxiliar técnico do rugby por exemplo (P1).

No futuro próximo quero fazer parte da história do esporte (rugby). Quero ser um atleta de alto rendimento. Quero ter uma vida bem estruturada, ter uma família própria. Quero ter uma vida mais equilibrada em família. Quero acompanhar o crescimento de meu filho: ver ele se formando e tendo a vida dele (P2).

Antes eu pensava em uma expectativa de vida de 5 anos e, agora, 15 anos, pela Miriam. Quero chegar aos 50 anos para

minha filha fazer 15 anos. Quero passar valores para que ela possa viver nesse mundo difícil, com pessoas complicadas, sem valores de moral e de família (P3).

Quero montar uma loja para mim, provavelmente na área de alimentação. Também quero ter passado no concurso, proporcionar uma melhor qualidade de vida e menos dependência de minha mãe. Acabo limitando a vida dela, impedindo dela fazer outras coisas. Quero viajar, proporcionar melhor vida para meus pais. Quero que eles possam fazer as compras do mês sem problemas para pagar (P4).

Vou mudar o mundo de muita gente. Vou realizar algo importante ou com uma ONG, tenho vontade de ajudar pessoas com deficiência (P4).

No futuro me vejo trabalhando, concursado, com uma casa adaptada, com carro, sem precisar ônibus coletivo ou uber. O ônibus adaptado não funciona e nem o motorista sabe disso. Ter um carro significa liberdade e independência. Preciso fazer por mim mesmo. Eu preciso de ajuda hoje para me locomover, resolver problemas com cartão, ir no hospital. Eu acho constrangedor pegar o ônibus coletivo. Me sinto humilhado. Quero me sentir independente e não precisar de ajuda (P5).

Claro que temos planos e objetivos, mas nossa vida é imprevisível e pode mudar a qualquer momento. Pretendo estar bem financeiramente. Uma pessoa sobre uma cadeira de rodas tem um custo de vida bem alto. Penso em ter a independência o máximo possível e estar morando sozinha, evoluir cada vez mais, ver um mundo de uma forma mais leve, saber lidar com minhas emoções, ser feliz (P6).

LEGADO

Todos os participantes relataram o desejo de transmitir valores para os filhos e para pessoas com deficiência, deixando como legado um exemplo de pessoa boa, alegre, que enfrentou os desafios da vida com coragem e sem desistir, como observado nas narrativas que seguem:

Quero ser lembrado como um cara alegre, que apesar de todas as dificuldades que tenho hoje, nunca deixei de ter esperança, de estar alegre, de pôr apelido, de ser brincalhão. Deixar algo de positivo para o filho, como ensinamentos sobre a importância de estudar, de fazer faculdade e de fazer amizades (P1).

Quero ser lembrado pela pessoa forte que fui, que não desistiu, que fez o que queria fazer. Foi lá e fez. Nunca desanimou, sempre foi atrás. Uma pessoa que procurou força e fez o que fez para que mais pessoas façam também. Quero ser lembrado por ser uma pessoa amiga, de família, uma pessoa honesta, de respeito, companheirismo, entusiasmo, feliz, sem reclamação pela vida (P2).

Tenho vontade de ajudar pessoas com deficiência. Eu pinto, sou artista plástica. Quero uma escola para ensinar pessoas com deficiência, um lugar voltado para pessoas com poucas condições ter uma arte, um hobby. Ensinar pessoas com poucas condições a pintar (P4).

Penso ser um exemplo na vida do outro. Quando vê que você não desistiu. Meu exemplo arrasta muito. O testemunho de cada um transforma muita gente. Muda muito a vida da pessoa (P4).

Fazer nossa parte tratando a outra pessoa dignamente (P5).

Que eu seja lembrada por uma pessoa que fez bem ao próximo, que deixou somente coisas boas, quero fazer muitas histórias e, principalmente, ser um exemplo para pessoas que estão se tornando cadeirantes, mostrar que apesar das dificuldades é possível viver a vida assim mesmo, que apesar de tudo enfrentou, não teve medo de ser feliz (P6).

Quero escrever um livro da minha história, fazer palestras, dançar e inspirar pessoas. Quero dizer: não desista de sua vida jamais! Se você está vivo é porque você tem muita coisa para realizar. Vai atrás e vai viver. Não se limite com nada. Já há muito tempo que eu pensava em escrever um livro, mas agora percebo que preciso colocar em prática (P7).

DISCUSSÃO

A partir de autobiografias de pessoas com lesão medular foi possível identificar núcleos de sentidos e valores de criação, de vivência e de atitude. A família foi relatada como o principal valor vivencial. Frankl (2021) considera a família “como uma oportunidade de testemunhar o que significa cumprir o sentido da vida vivendo para os outros, ou melhor, vivendo uns para os outros: a família, na verdade, é uma arena onde o ato da autotranscendência mútua é representado” (p. 203). O mesmo autor acredita que, “o amor humano é sempre mais do que simples instinto de conservação da espécie” (Frankl, 1978, p. 125) e só quem ama é capaz de compreender a pessoa amada como alguém incomparável e insubstituível. Neste estudo, a consciência de ser responsável por alguém se mostrou como uma alavanca para o enfrentamento das dificuldades após a lesão, em consonância com Frankl (2016b), quando afirma que “a consciência da responsabilidade se desenvolve sobretudo ao basear-se na consciência de uma tarefa concreta e pessoal, isto é, uma missão” (p. 204).

A fé e a espiritualidade se mostraram como estratégias de enfrentamento e como orientação para o encontro de sentido e atribuição de significados. De acordo com Amaral (2009), o suporte na área da espiritualidade da pessoa permite um olhar para as implicações da lesão medular como um caminho a percorrer, oferecendo a oportunidade de dar um novo sentido à vida e permitindo criar e conquistar objetivos,

amar e ser amado e ainda ter na religião uma razão para continuar a dar sentido à sua existência.

Frankl (2017) considera a existência de uma espiritualidade inconsciente no sentido de uma relação com o transcendente. Essa fé inconsciente da pessoa, embora muitas vezes em estado latente ou reprimida por parte da razão absoluta ou da inteligência tecnicista, significa que sempre houve uma tendência inconsciente em direção a Deus. Para Frankl (2011) “a religião provê o homem de uma âncora espiritual, de um sentimento de segurança que ele não poderia encontrar em qualquer outro lugar” (p.179).

O esporte e a arte foram compreendidos tanto como valores vivenciais, que proporcionam bem-estar, prazer, satisfação e meios para compensar e contornar as dificuldades impostas pela lesão medular; quanto como valores criativos, pois possibilitam oferecer algo ao mundo e ao próximo. De forma geral, possibilitam o autodistanciamento, ou seja, ao estar absorvida pela tarefa, a pessoa deixa de olhar para si e, consequentemente, esquece de sua condição.

Além do autodistanciamento, o esporte e a arte possibilitam a transcendência. Para Frankl (2020), a autotranscendência é a essência da existência humana e permite ao homem se elevar por sobre o nível do somático e do psíquico e adentrar ao reino do genuinamente humano (dimensão noética). “O erguer-se espiritualmente por sobre a própria condição psicofísica pode também ser chamado de ato existencial (...) Assim como o avião se torna um avião apenas ao elevar-se na terceira dimensão, o homem manifesta sua humanidade apenas ao emergir na dimensão noológica ou transcendendo a si mesmo” (Frankl, 2020, p. 145 e 146).

O autor considera o esporte como uma forma de ascetismo que possibilita o desenvolvimento espiritual e o crescimento interior. O esporte permite ao homem criar tensões e desafios que proporcionem realizações e confirmam sentido à sua existência. Para Frankl (2005), “a melhor motivação nos esportes – para alcançar os melhores resultados – exige que cada um dispute consigo mesmo mais que com os outros” (p. 102).

Frankl comprehende o trabalho e o estudo como meios de possível realização criadora de valores e sentidos, além da realização única e plena de si mesmo. Contudo, sentido e valor são inerentes, em cada caso, à realização (que contribui para a comunidade) e não à profissão como um fim (Frankl, 2016b). Ele complementa que a profissão em si não é suficiente para tornar o homem insubstituível; o que a profissão faz é dar ao homem a oportunidade de fazer valer no trabalho aquilo que há de pessoal, de humano e específico, conferindo ao trabalho a oportunidade de dar sentido à existência como caráter de unicidade e irrepetibilidade, que

sempre depende do homem e “não do que ele faz, mas de quem o faz e do modo como o faz” (Frankl, 2016b, p. 207).

Nesta pesquisa todos os participantes relataram tomadas de atitudes diante do sofrimento. De acordo com Frankl (2020), “o homem não pode evitar decisões. A realidade força-o, inescapavelmente, a decidir. O ser humano toma decisões a cada momento, até sem querer e contra sua vontade” (p.54). Assim, o homem se configura contínua e incessantemente, se tornando o fruto de suas decisões.

Para Frankl (2011), tanto o heroísmo quanto o humor constituem capacidades unicamente humanas de autodistanciamento, não apenas de uma situação, mas de si mesmo, se colocando diante de seus condicionamentos psíquicos e biológicos. A partir de então, o homem se posiciona como um ser autodeterminante, não só do seu destino, mas do seu próprio ser. Pode-se dizer que o humor ajuda o homem a elevar-se sobre sua situação, permitindo observar-se de maneira mais imparcial (Frankl, 2020).

A lesão medular restringe a área da liberdade e “uma pessoa que já tem no seu trabalho um sentido para sua vida, por exemplo, poderá perder a possibilidade de realizar esse sentido, mediante esse valor de criação (...) Terá que substituí-lo, ou talvez, dependendo da gravidade de sua deficiência, desistir dos valores de criação” (Kroeff, 2012, p.12). Para Kroeff (2012), a atitude tomada e a forma de lidar com as limitações de algo imodificável, como na lesão medular, é de grande importância e faz toda a diferença para evitar que a pessoa entre em desespero e para que ela não desista de encontrar novas formas de realizar sentidos.

Para Frankl (1978), a essência do ser humano jamais é atingida pois, assim como o valor e a dignidade, a essência do ser se encontra na dimensão espiritual e esta permanece intacta mesmo depois da perda da utilidade ocasionada pela desorganização psicofísica. Frankl traz como exemplo o seguinte testemunho de uma pessoa que ficou paralisada do pescoço para baixo: “Vejo minha vida cheia de sentido e de objetivos. A atitude que adotei naquele dia fatal se transformou no credo da minha vida: eu quebrei meu pescoço, não quebrei meu ser” (Frankl, 2016a, p. 169). Compreende-se, assim, que o ser não é deficiente, apesar de ter adquirido uma deficiência, pois ele continua sendo uma pessoa. Neste sentido, a inclusão da pessoa com deficiência vai além das adaptações ambientais e do uso de recursos de tecnologia para o possibilitar o desempenho das atividades diárias. É preciso enxergar para além da deficiência e das limitações, compreendendo a pessoa como um ser completo, apesar dos limites corporais resultantes da lesão.

Para Kroeff (2012), essa percepção faz toda a diferença no aconselhamento da pessoa com deficiência e sua família, pois enfatiza o que permanece saudável, deixando aberta a possibilidade de ver a dificuldade não somente como um

fator limitador, mas como uma oportunidade de descobrir valores e realizar sentidos. Além disso, reforça o valor da pessoa como um ser essencialmente espiritual, pois o que confere a unidade, o valor e a dignidade do ser humano é seu espírito (Kroeff, 2012). Isto pode ser constatado nesta pesquisa, pois os condicionamentos físicos impostos pela lesão não impediram a manifestação da liberdade de fazer escolhas e a capacidade intuitiva orientada para a responsabilidade do que deve ser feito, ou de acordo com as palavras de Frankl, do “dever ser”.

Se para Frankl o sentido é compreendido como individual, ele deve ser descoberto e não inventado. O descobrimento do sentido pode ocorrer independentemente de idade, grau de instrução, sexo, cultura e crença religiosa (Frankl, 1978) e, ainda, independentemente das tendências do caráter e das características do ambiente (Frankl, 2016b). O autor considera o homem como um ser único em sua essência e em sua existência, que não é dispensável nem substituível e vivencia um contexto histórico único em um mundo com oportunidades e obrigações únicas, reservadas somente a ele (Frankl, 2021). É a consciência que conduz e orienta o homem em sua busca de sentido e que “permite que o homem chegue aos sentidos únicos latentes em todas as situações que constituem a vida” (Frankl, 2021, p. 43).

Para Frankl (2020), “orientar a própria vida a um objetivo é de vital importância” (p. 137). Ter consciência de que a vida tem um sentido a ser realizado, ainda que no futuro, auxilia o homem a se sustentar em situações extremas (Frankl, 2005). Quando o direcionamento normal da existência humana diante do futuro é bloqueado ocorre o perigo de um colapso interior (Frankl, 2020, p. 113). Ainda segundo o autor, o homem nunca deve ficar satisfeito com o que já alcançou, seja no terreno da criação ou no terreno das vivências; “cada dia, cada hora torna necessárias novas ações e traz consigo a possibilidade de novas vivências” (Frankl, 2016b, p. 219).

Portanto, a vida não perde seu sentido nem mesmo diante da morte, pois o sentido não consiste em preservar qualquer coisa para o futuro, mas sim em conservar no passado. O passado de um indivíduo é visto como um celeiro que contém tudo que foi trazido à existência, todas as possibilidades materializadas, que lá permanecem, imutáveis e a salvo, enquanto o futuro consiste em oportunidades a serem realizadas. O passado é a parte da vida da pessoa que superou a transitóridade e atingiu a eternidade (visão positiva do passado). Estando no passado, as ações de um homem não podem ser desfeitas e o que o homem realizou não pode ser removido do mundo e só diante da morte tem sentido agir; se o ser humano fosse imortal, ele estaria justificado em postergar tudo e não haveria nenhuma necessidade de fazer algo exatamente agora (Frankl, 2020).

Assim, tomar consciência da finitude humana é uma condição essencial para a busca de sentido, pois faz com que

a pessoa busque concretizar seu projeto existencial (Aquino, 2015). Nesse contexto, o grande desafio é fazer a escolha correta diante de uma grande quantidade de potenciais, escolhendo quais serão condenadas a não-ser e quais serão realizadas e, assim, guardadas para a eternidade. É sair de si mesmo para além da percepção do que “eu preciso” e do que “eu posso” para o que “eu devo”. “A questão é uma escolha da única potencialidade, entre muitas, que vale a pena realizar” (Frankl, 2021, p. 95), é cumprir o sentido concreto que se apresenta em cada situação do dia a dia. Desta forma, o homem deve assumir a responsabilidade por essas “pegadas imortais na areia do tempo”, decidindo também qual será o monumento final de sua existência (Frankl, 2021, p. 94).

Além disso, este estudo confirma as afirmações de Bruzzone (2011; 2018), ao considerar a autobiografia como um elemento facilitador para o autoconhecimento que pode promover tanto mudanças existenciais quanto permitir ressignificar acontecimentos passados, por meio de posturas e ações perante o vivido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse estudo foi identificar núcleos de sentidos da vida e apreender valores de criação, de vivência e de atitude a partir das autobiografias de pessoas com lesão medular. A partir dos relatos autobiográficos foi possível identificar os sentidos e valores que permeiam a existência dos participantes do estudo. Embora se reconheçam limitações, tais como o número reduzido da amostra e contratempos relacionados às questões digitais, foram identificadas as seguintes categorias de sentido: família, fé e espiritualidade, esporte e arte, trabalho e estudo, tomadas de atitude, sentidos, futuro e legado.

Foi identificada a sobreposição dessas categorias em relação aos valores vivenciais, criativos e atitudinais e a classificação de uma categoria, em relação ao valor a que se refere, dependeu da intencionalidade espiritual da pessoa e, em algumas situações, apontou para diferentes valores, simultaneamente. A família foi descrita como a mais alta hierarquia dentro da escala de valores em todos os participantes, sendo percebida como uma importante rede de apoio e cuidado após a lesão medular e também como o local onde se encontram as forças necessárias para enfrentar as dificuldades impostas após lesão e continuar vivendo. Foram observadas tomadas de atitude como bravura, humor e heroísmo e a percepção de que a mudança depende da decisão da própria pessoa.

A abordagem da Logoterapia e Análise Existencial de Frankl se mostrou adequada para fundamentar a busca de

sentido em pessoas com lesão medular, possibilitando a reavaliação do sofrimento em termos significativos e auxiliando na detecção de valores e de sentidos de vida, tendo em vista que aponta para o cuidado da pessoa em sua totalidade, com foco na dimensão espiritual, considerando-a como um ser único, irrepetível, autônomo, livre e responsável para fazer escolhas, capaz de superar condicionamentos de qualquer ordem.

A autobiografia se revelou com um recurso terapêutico que possibilita a descoberta de valores e de sentidos. Ela se torna terapêutica à medida que promove reflexão e traz à consciência o inconsciente espiritual, a consciência de sua historicidade, dos valores que já realizou e dos que ainda estão por vir. Esse ajuste de consciência pode influenciar e orientar as atitudes a serem tomadas a partir dos valores e sentidos descobertos. De acordo com Frankl (2016b), a orientação de sentido e valores é um meio de cura. Além disso, possibilita o reconhecimento da dignidade, individualidade, unicidade, potencialidade da pessoa e, consequentemente, a superação dos condicionamentos impostos pela lesão medular. Desta forma, sugerimos estudos futuros objetivando a aplicabilidade da autobiografia em pessoas apresentando outras patologias e/ou em outros campos do saber. Além disso, os resultados sugerem que o tempo e a maturidade interferem na qualidade da tomada de atitude e na percepção de sentido após a lesão medular. Nessa direção, recomenda-se que estudos futuros possam considerar as mudanças na concepção dos valores ao longo do tempo.

CONTRIBUIÇÃO DE CADA AUTOR

Certificamos que todos os autores participaram suficientemente do trabalho para tornar pública sua responsabilidade pelo conteúdo. A contribuição de cada autor pode ser atribuída como se segue:

Kátia Meneses: Concepção e redação do texto, organização das fontes.

Thiago Aquino: realizou a revisão textual e conceitual do manuscrito.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem a Juliana Valéria de Melo, Kamila Bueno Nogueira e Renata Ribas Vieira pelo apoio na coleta de dados.

DECLARAÇÃO DE CONFLITOS DE INTERESSES

Os autores declaram que não há conflitos de interesse no manuscrito submetido.

REFERÊNCIAS

- Amaral, M. T. M. P. (2009). Encontrar um novo sentido da vida: um estudo explicativo da adaptação após lesão medular. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 43(3), 573-580. <https://doi.org/10.1590/S0080-62342009000300011>
- Aquino, T. A. A. (2015). *Sentido da vida e valores no contexto da educação: Uma proposta de intervenção à luz do pensamento de Viktor Frankl*. Paulinas.
- Baldin, N., & Munhoz, E. M. B. (2011). Snowball (Bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. *X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE*. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4398_2342.pdf
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Bruzzone, D. (2011). *Afinar la conciencia. Educación y búsqueda de sentido a partir de Viktor E. Frankl*. San Pablo.
- Bruzzone, D. (2018). Scrittura autobiografica e ricerca di senso: Uno studio di caso. *Ricerca di Senso*, 2, 157-167. <http://hdl.handle.net/10807/123741>
- Cerezetti, C. R. N., Nunes, G. R., Cordeiro, D. R. C. L., & Tedesco, S. (2012). Lesão Medular Traumática e estratégias de enfrentamento: Revisão crítica. *O Mundo da Saúde*, 36(2), 318-326. <https://doi.org/10.15343/0104-78092012362318326>
- Cruz, G. L., Machado, C. S., & Afiúne, F. G. (2021). Os aspectos emocionais do lesado medular frente ao seu diagnóstico. *Revista Científica Escola Estadual de Saúde Pública de Goiás Cândido Santiago*, 7 (3):e7000042 <https://www.revista.esap.go.gov.br/index.php/resap/article/view/316/186>
- Frankl, V. E. (1978). *Fundamentos Antropológicos da Psicoterapia*. (R. Bittencourt, Trad.). Zahar editores.
- Frankl, V. E. (2005). *Um sentido para a vida: Psicoterapia e Humanismo*. (V. H. S. Lapenta, Trad.). Idéias & letras.
- Frankl, V. E. (2011). *A vontade de sentido: Fundamentos e aplicações da logoterapia*. (I. S. Pereira, Trad.). Paulus.
- Frankl, V. E. (2015). *O sofrimento de uma vida sem sentido: Caminhos para encontrar uma razão de viver*. (K. Bocarro, Trad.). É realizações.
- Frankl, V. E. (2016a). *Em busca de sentido: Um psicólogo no campo de concentração*. (W. O. Schlupp & C. C. Aveline, Trad.). Vozes.
- Frankl, V. E. (2016b). *Psicoterapia e sentido da vida: Fundamentos da logoterapia e análise existencial*. (A. M. de Castro, Trad.). Quadrante.
- Frankl, V. E. (2017). *A presença ignorada de Deus*. (W. O. Schlupp & H. H. Reinhold, Trad.). Vozes.
- Frankl, V. E. (2020). *Psicoterapia e Existencialismo: Textos selecionados em Logoterapia*. (I. S. Pereira, Trad.). É realizações.
- Frankl, V. E. (2021). *A falta de sentido: Um desafio para a psicoterapia e a filosofia*. (B. Alexander, Trad.). Auster.
- Kroeff, P. (2012). *Possibilidades e desafios da pessoa com deficiência: Contribuições da logoterapia e da teoria sistêmica*. IECVF.
- Lukas, E. (1998). *Una vida fascinante: En la tensión entre ser y deber ser en logoterapia*. San Pablo.
- Moser, G. A. S., Gelbcke, F. L., Aguiar, D. C. M., Schoeller, S. D., & Castro, F. F. S. (2020a). Independência Funcional à Pessoa Com Lesão Medular: Do Trauma À Primeira Internação. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Reabilitação*, 3 (1), 70-75. <https://doi.org/10.33194/rper.2020.v3.n1.9.5764>
- Moser, G. A. S., Gelbcke, F. L., Aguiar, D. C. M., Schoeller, S. D., & Castro, F. F. S. (2020b). O cuidado em saúde no ambiente hospitalar: Interferência na reabilitação da pessoa com lesão medular. *Revista Enfermagem Atual*, 93 (31), 1-6. <https://doi.org/10.31011/reaid-2020-v.93-n.31-art.761>
- Rocha, M. A., Coura, A. S., França, I. S., Feijão, A. R., Almeida, I. J., & Aragão, J. S. (2021). Funcionalidade familiar e estratégias de enfrentamento em pessoas com lesão medular. *Acta Paulista de Enfermagem*, 34, 1-8. <http://dx.doi.org/10.37689/acta-ape/2021A0000635>
- Silva, H. F., Silva, J. F., Cruz, V. V., de Figueiredo, N. M. A., Sé, A. C. S., & Machado, W. C. A. (2021). Aplicabilidade da Tecnologia Assistiva para pessoas com lesão medular: Uma revisão integrativa. *Research, Society and Development*, 10 (8), 1-17. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i8.15387>
- Silva, O. T., Ghizoni, E., Tedeschi, H., & Joaquim, A. F. (2018). Epidemiologia do traumatismo raquimedular tratado cirurgicamente no hospital de clínicas da UNICAMP. *Coluna/Columna*, 17(1), 55-58. <https://doi.org/10.1590/S1808-185120181701179262>
- Vasco, C. C., & Franco, M. H. (2017). Indivíduos paraplégicos e o significado construído para a lesão medular em suas vidas. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(1), 119-131. <https://doi.org/10.1590/1982-3703000072016>
- Venturini, D. A., Decésaro, M. N., & Marcon, S. S. (2007). Alterações e expectativas vivenciadas pelos indivíduos com lesão raquimedular e suas famílias. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 41(4), 589-596. <https://doi.org/10.1590/S0080-62342007000400008>

Data de submissão: 11/04/2022
Primeira decisão editorial: 01/08/2022
Aceite: 17/01/2025